

Formas comunicacionais como reterritorialização do espaço social¹

*Adrielle da Costa*²

Resumo: O presente ensaio compreende algumas noções sobre formas comunicacionais alternativas como as pichações urbanas, entendidas como uma tentativa de reterritorialização espacial, circunscrita numa realidade globalizada, não-totalitária e cosmopolita. Objetivou-se discorrer sobre os dispositivos midiáticos que são recorridos e, de certa forma, responsáveis pela tentativa de se buscar uma identidade cultural para um espaço desterritorializado com a construção de um universo simbólico.

Palavras-chave: Pichações; espaço desterritorializado; globalização; cultura local; identidade.

Primeiras impressões desterritorializadas – cidades triviais

Andar pelas ruas da cidade se tornou, além de um hábito cotidiano, uma frivolidade humana. Estar em determinado local da malha urbana e somente visualizar as marcas da mundialização trata-se de partilhar os códigos de diversos outros lugares. Viajar para um ‘outro lugar’ e permanecer com as impressões da modernidade-mundo (“exteriores”) não significa, necessariamente, para o indivíduo importar, ou compartilhar uma cultura local (“interiores”), mas permanecer preso a uma cultura global, reprisando seu cotidiano. Isto pressupõe o apagamento da legitimidade de uma cultura local, a desterritorialização de uma identidade raiz, resultante do processo da globalização (ORTIZ, 1994, p.125).

A modernidade-mundo, consubstanciada no consumo, tem uma dinâmica própria. O processo de globalização das sociedades e de desterritorialização da cultura rompe o vínculo entre a memória nacional e os objetos. Com a sua proliferação em escala mundial, eles serão desenraizados de seus espaços geográficos.

¹ Ensaio produzido para a disciplina de Teoria da Comunicação II, do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UEPG.

² Acadêmica de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). E-mail: adrielledacosta@yahoo.com.br

A mundialização pode ser compreendida como uma ligação do ser e do estar a partir de objetos, coisas, signos que são compartilhados no mundo inteiro. São signos que remetem as mesmas referências em qualquer parte do globo terrestre. Aí poderiam encaixar grandes marcas como Coca-Cola, Budweiser, Nike, entre outros diversos que constituem o nosso cotidiano-mundial (ORTIZ, 1994, p. 107).

As conseqüências da globalização implicam não só o apagamento das fronteiras locais e nacionais, como a impressão da homogeneidade do mundo. A noção de igualdade permeia todo o tecido social, os campos cultural, econômico e político. Isto remete à idéia de “desterritorialização geral” (PRYSTHON, 2002, p.43). Contudo, é importante fazer algumas ressalvas quando se fala de homogeneidade-mundo provocada pela globalização, pois o que se detecta é um traço comum de um modelo cultural que é partilhado mundialmente. Por isso, não se pode afirmar a inexistência de movimentos que se articulam para retomar o significado de suas raízes, ou, no mínimo, para que seu habitat – já atravessado por marcas mundializadas, seja adequado as suas vivências, ao seu cotidiano. Para isto basta mapear alguns sinais de rearranjos dos ambientes sociais, sejam pichações, grafitegens, remodelagem dos fluxos urbanos, redistribuição dos bairros, etc.

Pensar numa identidade local, enraizada para uma cidade como Ponta Grossa, seria, no mínimo, obscura. Muitas culturas foram importadas de outras regiões e países. Reivindicar a autenticidade de uma cultura ponta-grossense é fadá-la a não-existência. Ou então, confrontá-la aos costumes arraigados de uma outra região já legitimada. Poderia (ou não) sentenciá-la como um “não-lugar”, porque, a princípio, não há uma referência imediata. Mas esta impressão está em xeque quando percebemos novas formas de enxergar e de conviver com este lugar. A emergência de grupos que contestam, reivindicam o seu espaço social através de pichações, ou de pessoas que realizam projetos culturais como forma de resgatar uma cultura desterritorializada afirmam que, sim, existe uma identidade-raiz, mas que está apagada devido ao processo da globalização.

Os símbolos ponta-grossenses, como a taça de Vila Velha redesenhada no Calçadão, o parque Ambiental, os monumentos dos Tropeiros podem remeter a uma identidade da cidade, no entanto são *produzidos* num jogo de marketing. É significativo reparar que a “grandeza” do surgimento da cidade por uma rota de tropeiros se resume num pequeno monumento no ‘seu centro’. As casas construídas num período histórico da cidade foram

adaptadas, e praticamente perderam seu significado. E os costumes? Adaptados a uma outra cultura mundializada.

Os “não-lugares” (“locais anônimos”) configuram a serialização, a fragmentação, a compartimentação dos espaços que funcionam a partir de regras, normas que sugestionam o comportamento e as atitudes do indivíduo. Porém, todos os deslocamentos do homem são particulares, o que não deixam de ser “orquestrados” (ORTIZ, 1994, p.106/134). Tudo isso gera um estranho sentimento de anonimato para o homem.

O que se observam nas ruas da cidade desterritorializada são traços que nos induzem a buscar sinais de existência da identidade-raiz. O cosmopolitismo, em seus primórdios, segundo Ângela Prysthon (2002, p.31), dava a idéia de um “sujeito ideal para uma cidade ideal”. As cidades eram fetiches. Com a modernidade, as cidades são “atingidas” por uma cultura global, e compõem um novo dilema para repensar o seu significado e as suas experiências urbanas. O sistema de centralidade perde o seu valor, passando para uma “urbanidade descentralizada”. As cidades são polifônicas, há outros espaços, novas práticas, há possibilidades de outras identidades e há abertura para uma polifonia de articulação política. E, neste momento, emergem significativamente as periferias na malha urbana. O consumo fetichizado se torna um regulador de todos os grupos sociais, e as cidades apresentam fluxos de velocidade, como também a facilidade de locomoção.

Para Prysthon, a pós-modernidade, neste contexto, significa “o momento de autoconsciência cultural da periferia”, entendendo que um determinado grupo sentiu a necessidade de reencontrar as suas raízes. A autora define os subúrbios como “um modelo de modernidade alternativa”.

As reapropriações dos espaços desterritorializados são singulares. A reconfiguração do local, por exemplo, de um bairro da cidade de Ponta Grossa pode ser apresentada de diversas formas. Muitos tentam se expressar através de um meio comunicacional; aí valem diversas formas de fazê-lo. O que despertou tal observação foi o mapeamento de pichações em um determinado espaço, o qual está fora da chamada centralidade urbana. “A comunicação faz-se a principal via de acesso à vida urbana”, afirma Prysthon (2002, p. 40). Essas pichações como formas de reafirmação de uma territorialidade demonstram a reivindicação de uma identidade e a insatisfação com a política global.

Interessante observar e ressaltar que as marcas de tentativas de reapropriação do espaço social passam e delegam à esfera midiática tal missão. A constante exposição e estratégias de convencimento repercutem no cenário (sub)urbano quando os indivíduos começam a questionar tais vivências e a buscar laços identitários em suas comunidades.

Espaço das relações sociais: local, nacional e global

Comumente, a noção de espaço está ligada ao meio físico, a um pedaço de território materializado. O espaço é repleto de conteúdos, de significados peculiares, isto é, ele se realiza quando os indivíduos o utilizam funcionalmente como meio de locomoção. No entanto, o espaço quando se desterritorializa perde suas particularidades. O espaço é constituído por um fundo social e deriva das relações do meio (ORTIZ, 1999).

Segundo Ortiz, o espaço por ser utilizado como um circuito locomotivo, o que faz surgir a necessidade de sinalizar esse espaço para orientar as pessoas inseridas no sistema. Para exemplificar, a rua pode representar um espaço pois prescinde de regras para transitá-la, de códigos que orientem os transeuntes e os veículos automotivos: as placas de trânsito que sugerem o limite de velocidade, os semáforos, as preferenciais, a faixa de pedestres, as calçadas, além da disposição das casas, prédios e a arborização. E o mais interessante, é a utilização desse espaço como meio de expressar alguma idéia, seja em forma de cartazes, faixas, pichações, placas. É um processo de redistribuição do ambiente com a finalidade de dizer algo em um local de grande circulação de pessoas. A rua, assim como as cidades, segundo Prysthon, tornou-se o próprio meio.

Isto significa que o espaço deve ser preenchido por signos mundializados, capazes de serem decodificados pelo homem. Segundo Ortiz:

A velocidade das técnicas leva a uma unificação do espaço, fazendo com que os lugares se globalizem. Cada local, não importa onde se encontre, revela o mundo, já que os pontos desta malha abrangente são susceptíveis de intercomunicação (1994, p. 106).

Não raro, o conceito de local gera dúvidas a seu respeito, pois, na maioria das vezes, é associado ao que está próximo, um espaço restrito e delimitado, preso ao cotidiano das pessoas com um ar de familiaridade. Entretanto, a idéia do local se baseia na “busca de

raízes, o ponto de inflexão entre identidade idealizada e o solo no qual se introduz” (ORTIZ, 1999, p. 59).

Já o conceito de nacional representa um “espaço amplo”. Todavia, Ortiz explica que o sentido de nacional pressupõe um espaço físico delimitado, embora possua uma grande dimensão. Em sua noção mais abstrata, pode-se entendê-lo como temas nacionais que são facilmente assimilados ao repertório popular, por exemplo, o sentido de ser brasileiro e de pertencimento a uma nação. A idéia de nacional também pressupõe a historicidade.

Conforme Ortiz, a globalização aceita ser definida como uma “unidade autônoma”. Cada unidade exprime uma identidade. Importante considerá-la como um conjunto de interações. É fácil imaginar como este fenômeno se articula ao local e ao nacional, se o associarmos às placas tectônicas, as quais estão em freqüentes colisões, conflitos, onde uma se sobrepõe a outra, a qual resiste e se submete.

O local se relaciona com o nacional; o nacional reage, resiste ou é submetido ao global; o local prescinde do nacional e se articula diretamente ao global. (ORTIZ, 1999, p.61).

Mas é claro que esta associação é limitada porque não compreende uma outra noção do global que seria a de inclusão: “o global inclui o nacional, que por sua vez, inclui o local”.

No entanto, mais uma vez, esta definição não se encaixa nas apreensões do autor. A saída para a formulação deste (confuso) conceito está em nomear as articulações como “linhas de força”. Aí a discussão parte para uma nova concepção de global/nacional/local como linhas de atravessamento, isto é, transversalidade. Depois de uma longa e detalhada explicação, Ortiz sugere a mundialização da cultura e do espaço como sendo uma transversalidade. Portanto, não existe oposição entre global/nacional/local, pois a cultura-mundo, cultura-nacional, cultura-local só fazem sentido “quando resultam em vivências”.

As cidades são constantemente atravessadas por diversos traços particulares de uma outra região (associar referências aos hábitos de um outro local). Ou então, um exemplo, poderia dizer que as farmácias adaptaram suas funções à revelia da modernidade-mundo. A disposição das farmácias em geral foram reconfiguradas para atender uma demanda conceituada em aspectos da modernidade-mundo.

Este é um grande sintoma de como a modernidade-mundo se caracteriza como funcional, porque além dos espaços sociais estarem expostos à desterritorialização, a flexibilidade da modernidade-mundo apresenta condições propícias de adequação, de rearranjo dos contextos, com a finalidade de ser útil às necessidades do homem moderno.

A modernidade-mundo se apresenta como dois fenômenos paralelos: a homogeneização e a diversidade. “A modernidade-mundo somente se realiza quando se ‘localiza’, conferindo sentido ao comportamento e à conduta dos indivíduos” (ORTIZ, 1999, p. 65). Quando as pessoas transitam pela modernidade-mundo surge uma cultura internacional-popular que significa um “conjunto de referências desterritorializadas”.

Ao imaginarmos o que tudo isso representa para uma comunidade, ou para um grupo em específico, que através dos dispositivos midiáticos tenta reconstruir seu mundo simbólico, sua identidade local, a reivindicação de existência de uma cultura-raiz, faz sentido porque, talvez, por consequência de um longo e complexo sistema de forças de transversalidade (local, nacional, global) tenham dissipado as singularidades do espaço social em questão. Há uma possibilidade de que formas alternativas de comunicação sejam adaptadas por uma comunidade para uma reterritorialização da identidade esfumada pela mundialização de outras culturas.

Pichações urbanas: demarcações territoriais e reprodução de lutas simbólicas e resistências sociais

As formas alternativas de comunicação, as pichações de uma determinada comunidade, localizada fora do centro urbano podem ser compreendidas como uma resistência social, embates de lutas simbólicas, uma reterritorialização do espaço e reafirmação da identidade local. As pichações foram encontradas na rua Afonso Celso, na vila Ana Rita, proximidades do centro de Ponta Grossa. Neste bairro foram identificadas várias manifestações através das pichações.

As pichações podem ser consideradas como um meio alternativo de expressão de um grupo que reivindica melhores condições sociais, que constroem simbolicamente uma nova identidade (existência) e repudiam a política. Foi possível observar as estratégias usadas pelos pichadores como os lugares de intenso fluxo de veículos e pessoas, garantindo

visibilidade pública (embora tenham se utilizado dos “espaços” privados), por exemplo, muros e paredes próximas às paradas de ônibus, transformando o próprio ambiente como comunicador de suas idéias.

As fotos abaixo compõem o cenário do “não-lugar” transformado em espaço - resultante das relações sociais - que apresenta um “diálogo” com o interlocutor da mensagem, ou seja, as pichações podem ser consideradas como meio de comunicação de uma comunidade.



Ilustração 1 Pichação na rua



Ilustração 2 Pichação no muro de uma residência

O sentido da expressão

Comumente, as manifestações comunicacionais como as pichações são vistas como atos de vandalismo, “desvios, provocando deslocamentos, que tencionam o sistema – a ordem do urbano social” (DUARTE, 2002). No entanto, percebe-se que as pichações são fenômenos contemporâneos ligados à forma excludente de comunicação.

Para Armando Silva (1987)

El graffiti, pues junto a la denuncia y los anhelos de nuevos ordenes sociales, también posee opciones para ser comprendido como arte y literatura, como expresión y comunicación, em fin, como realidades sociales y utopías urbanas, com la privilegiada condición de tratarse de una escritura diseñada colectivamente.

Em vários momentos da História, as pichações foram usadas como formas de protestos, por exemplo, na época de ditadura militar no Brasil e também no Muro de Berlim.

Conforme Silva, os anos 1960/70 foram marcados pelos movimentos estudantis que buscavam a contra-informação através de estratégias comunicativas (pichações, grafite) para atingir diversos setores marginalizados, de maneira questionadora ao sistema imposto.

Demarcação do território

A partir das anotações sobre o “território” em questão, podem-se compreender alguns conceitos sobre as cidades e o “urbanóide”. Quando se fala da polarização entre periferia e cidade, ou da resistência das periferias às cidades, esta dualidade torna-se visível devido à afirmação de que as cidades apresentam algum fetiche, como aponta Prysthon (2002), ao se referir ao cosmopolitismo.

Dada esta indicação do estabelecimento da delimitação do território (centro e bairro), as pichações representam os anseios de uma comunidade em dizer quem ela é, de registrar e confirmar sua existência.

A desterritorialização, o apagamento da identidade-raiz é inerente à globalização. Os tipos urbanos e os seus fluxos são alterados, as vivências passam a ter outros significados. “A reconfiguração dos territórios, indissociável da globalização, afeta as condições da própria experiência urbana” (RAMONEDA; MONGIN, 2005). Essas alterações partem de um processo global que diminui as distâncias das comunidades e causa uma recombinação do espaço-tempo, a qual modifica a experiência e a realidade urbana (HALL, 2001).



Ilustração 3 Pichação na rua Afonso Celso, Ponta Grossa

Neste outro exemplo, o texto pressupõe um sujeito receptor da mensagem e também uma identidade, um traço comum partilhado entre o grupo, configurando uma comunidade. A insatisfação com a política fica explícita e, principalmente, o *diálogo* com a finalidade de obter uma resposta, reação, mobilização.

Marcar território está para além de se apropriar de um espaço geográfico. Devem existir singularidades, particularidades, significantes com os quais a comunidade possa se identificar e se sentir representada.

Reivindicações e resistências

A pichação a seguir apresenta um conteúdo de interesse coletivo para a comunidade local:



Ilustração 4 “Você é o dono da VCG, porque você a mantém. Exija menor tarifa. Não seja loque. Valeu”

Segundo Duarte (2002)

As pichações dirigem-se a dois tipos de destinatários, utilizando como canais os suportes urbanos: (1) o público em geral; (2) os membros da sua e das outras comunidades de pichadores. Esses textos se estruturam no nível discursivo, a partir de estratégias discursivas, que aqui serão detectadas na ordem prática de seu uso.

O processo de produção da mensagem já considera o seu interlocutor. O repertório, a forma gramatical e o estilo são próprios das *comunidades urbanas*. De acordo com Calabrese, citado por Duarte, as pichações são também caracterizadas pelas repetições (fator observado), ritmos, fragmentos, excessos, nó, dissipação, complexidade, entre outros.

Transversalidades: global e local

Embora as pichações revelem as demandas, insatisfações, reterritorialização de uma comunidade, não significa que elas tematizem apenas os problemas locais. Ou seja, as formas alternativas de comunicação carregam os “resquícios” do processo globalizante. O que de fato também foi encontrado, pois existem referências “globais”, como, por exemplo, o *skate* e o *hip hop*. Estes exemplos indicam uma particularidade da formulação identitária dos pichadores.



Ilustração 5 Referências à cultura global



Ilustração 6 Expressões culturais do hip hop

Considerações finais

Reparar o entorno da cidade e perceber o processo comunicativo do meio, a mensagem que nos é dirigida, não é tão simples assim, apesar de estarmos num sistema interativo e reformulador de identidade. Para “resistir” à mundialização, que é um processo de desterritorialização das referências locais, é preciso nos adaptar às circunstâncias, seja por intermédio de manifestações singulares (o texto-pichação), como meio de reafirmação da existência, ou pela busca de reformulação da identidade a partir da interação e das condições sociais. Todas estas características perpassam o modelo comunicacional alternativo, fenômeno que emerge nas cidades contemporâneas.

As pichações são os “não-lugares” que foram transformados em *espaços* que expressam as demandas de uma comunidade urbana, a qual idealiza uma reafirmação de identidade, como também objetivam ações coletivas, fazendo frente à grande mídia. Além de um espaço de resistência, as pichações configuram um novo meio para aqueles que desejam contar para os outros e registrar a sua história.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad**. 1.ed., México: Grijalbo, 1990.

DUARTE, Pedro Russi. **As pichações: paredes que falam**. In: Angulações, provocações e cultura. Org. Adriana Braga, Luís Fernando Rabello Borges e Márcia Rodrigues Aquino. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2002.

_____. **As pichações na interatividade urbana**. In: Percepção de Cultura e Sentidos Midiáticos. Org: Karina Janz Woitowicz e Pedro Russi. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro D.P.& A., 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Um outro território**. In: Globalização e regionalização das comunicações/ org. Cesar Bolaño. São Paulo: EDUC: Universidade Federal de Sergipe. 1999.

PRYSTHON, Ângela. **Cidades, Cosmopolitismo e Comunicação**. In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos: junho de 2002.

RAMONEDA, Josef; MONGIN, Olivier. **Lutas entre lugares**. Folha de S. Paulo, caderno Mais! 30 de outubro de 2005, p.3.

SILVA, Armando. **Punto de vista ciudadano – focalización visual y puesta em escena del graffiti**. Bogotá: Publicaciones Del Instituto Caro y Cuervo, 1987.

Anexos

Fotos: Adrielle da Costa



Ilustração 7 "Políticos porcos, pobre povo nobre"



Ilustração 8 "Não se deixe enganar, não seja loque"



Ilustração 93 Pichação na parede de uma casa, em frente a um ponto de ônibus



Ilustração 40 Pichação em referência à prática de skate



Ilustração 51 Desenhos referentes a um grupo/tribo